



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA

A PRÁTICA AVALIATIVA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MONICA CRISTINA DA CUNHA SANTOS

Campina Grande – PB

2014

MONICA CRISTINA DA CUNHA SANTOS

A PRÁTICA AVALIATIVA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de especialista em Formação de
Professores da Educação Básica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Almeida de Castro

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237p Santos, Monica Cristina da Cunha
A prática avaliativa no 1º ciclo do ensino fundamental
[manuscrito] / Monica Cristina da Cunha Santos. - 2014.
39 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Formação de Professores da
Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Paula Almeida de Castro,
Departamento de Educação".

1. Ensino Fundamental 2. Avaliação Escolar 3.
Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 372

MONICA CRISTINA DA CUNHA SANTOS

A PRÁTICA AVALIATIVA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

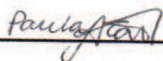
MONICA CRISTINA DA CUNHA SANTOS

A PRÁTICA AVALIATIVA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

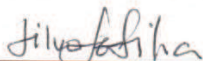
Monografia apresentada no Curso de Especialização Formação de Professores da Educação Básica em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 01/11/2014

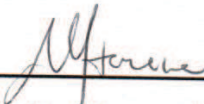
Banca Examinadora



Profa. Dra. Paula Almeida de Castro
Orientadora (UEPB)



Prof. Ms. Silvio César Lopes da Silva
Examinador (UFRN)



Profa. Dra. Morgana Lígia de Farias Freire
Examinadora (UEPB)

Campina Grande – PB

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com muito carinho à minha família, pelo incentivo e pela força que sempre me passaram para que eu conseguisse chegar até aqui;

A todos da turma do Curso de Especialização em Formação do Professor da Educação Básica, pelo esforço e colaboração uns com os outros;

Às minhas amigas de trabalho, pela colaboração.

E a todos que passaram energias positivas e contribuíram para que eu concluísse este Curso de Pós-graduação em Formação de Professores da Educação Básica.

AGRADECIMENTOS

O DEUS, nosso Pai Amado, que me concedeu a graça de chegar ao fim do curso, pelo dom da vida e por me fazer uma educadora. Obrigada Senhor, por mais um desafio.

Aos professores, Orientadora, pela ética e colaboração.

Aos amigos e em especial a turma da especialização, pelos momentos de aprendizagem compartilhada.

A meu Esposo Marcelo, aos meus filhos Kaydson e Marcela, pela colaboração deste trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este sonho se realizasse.

“Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, a repressão, os assassinatos, mas também pela existência de extrema pobreza e estruturas econômicas injustas, que originam as grandes desigualdades”.

Papa Francisco

RESUMO

A avaliação fornece ao professor informações quanto a necessidade ou não de se efetuar mudanças e indicações quanto aos meios e direção em que devem ser efetivadas as mudanças necessárias. Nesse sentido, a avaliação não deve ser ponto de chegada, e sim de partida para construção de novos conhecimentos. Nesse processo, a análise do erro cometido pelo aluno fornece valiosos subsídios para o redirecionamento da proposta de trabalho. A avaliação deve ser o resultado não só de elementos específico, mas também de um registro contínuo, integral e dinâmico de todas as observações do professor a respeito do aluno. Por considerarmos que a avaliação em nossas escolas quase sempre tem se caracterizado por fragmentação e reprodução de conteúdo, o presente trabalho "A prática Avaliativa no 1º Ciclo do Ensino Fundamental" recomenda a adesão ao ensino contextualizado onde a avaliação deve ser vista como um diagnóstico contínuo e dinâmico para que realmente o aluno aprenda possibilitando a transformação social. Nosso estudo teve como objetivos averiguar as diferentes concepções dos professores, frente as mudanças acerca da prática avaliativa, bem como analisar o nível de conhecimento desses educadores associado também às novas teorias ocorridas no nosso sistema avaliativo, os professores se preocupam muito com o Sistema de Ciclo, em que o aluno mesmo tendo sido avaliado e não atingido o desejado segue adiante dentro do ciclo. Para isto no município de Campina Grande foi adotado um projeto do MEC, chamado de PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), para ver se nossos alunos seguem realmente sem tanta dificuldade.

Palavras-chave: Escola, Aprendizagem, Educando.

ABSTRACT

The assessment provides the teacher information as to whether or not to make changes and directions as to the means and direction that should take effect the necessary changes . In this sense , the evaluation should not be a point of arrival but of departure for the construction of new knowledge . In this process , the analysis of the error committed by the student provides valuable insights for the redirection of the proposed work. The assessment should be the result not only of specific elements , but also a continuous , integral and dynamic registration of all teacher observations about the student. Since we consider that the assessment in our schools almost always has been characterized by fragmentation and playback of content , this paper " The Evaluative practice in the 1st Cycle of Basic Education " recommends adherence to the teaching contextualized where evaluation should be seen as an ongoing diagnostic and dynamic so that the student actually learns enabling social transformation . our study aimed to investigate the different conceptions of teachers about the changes ahead of evaluation practice , and analyze the level of knowledge of these educators also associated with the new theories that have occurred in our evaluation system , teachers care a lot about the system cycle , in which the student has even been assessed and attained the desired goes on in the cycle . for this the city of Campina Grande was adopted a project of the MEC , called PNAIC (National Pact for Literacy Certain Age) , to see if our students actually follow without much difficulty .

Keywords : School , Learning , Educating .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 Avaliação e sua relação com o Processo Ensino Aprendizagem.....	16
1.1 Concepção de Avaliação.....	16
1.2 Avaliação no Cenário Atual.....	19
1.3 Avaliação da Aprendizagem: Novos Enfoques.....	22
2 A Prática Avaliativa no Cotidiano Escolar.....	26
2.1 Análise e Discussões dos Resultados dos Questionários.....	26
Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	36

Apêndice

1 - INTRODUÇÃO

A prática pedagógica deve ter um olhar que ultrapasse os limites burocráticos e administrativos da escola, procurando ver o aluno como personagem principal do processo ensino aprendizagem, porque criar uma boa relação com os alunos possibilitará oportunidades que contribuirão para a autoestima e, conseqüentemente, a elevação do nível de aprendizagem. Conhecer e analisar o processo de avaliação se faz necessário para que possamos formar cidadãos conscientes e participativos na sociedade, representando e ajudando as dificuldades dos nossos educandos e não apenas rotulando-os com notas e conceitos. Devemos como educadores que somos, saber o que e como avaliar nossos educando através de diversos mecanismos e não apenas de provas escritas para satisfazer o desejo da classe dominante que é de reproduzir seres que atendam a seu objetivo o da mecanização de ensino reprodutivo e não de um ensino-aprendizagem eficaz e capazes de atender os anseios e necessidades dos educandos.

O processo de avaliação nas escolas municipais de dá por muitas vezes de maneira precária onde o educando é visto como ser passivo e reprodutor de conhecimentos repassados pelo professor no cotidiano escolar.

Diversos termos já foram empregados para definir a avaliação sabatina, prova, teste, exame, verificação, etc. Para algumas pessoas até hoje estes termos tem conotação negativa, devido as experiências negativas no que diz respeito a avaliação no contexto educacional, pois, a ansiedade, a insegurança, a competitividade presente em muitas de nossas crianças no momento de realizar avaliação é muito comum em nossas escolas, o que acaba por classificar e excluir o aluno como também selecionando os melhores.

O professor ao organizar o seu trabalho se baseia em um tipo de aprendizagem e a partir do momento que o aluno não consegue se aproximar desse modelo é classificado ou excluído do processo, o que acaba fazendo com que a avaliação se torne um instrumento de controle da conduta comportamental do aluno.

Desde pequena sempre tivemos o sonho de ser professora e até hoje achamos uma das profissões das mais importantes para a formação de cidadãos conscientes, justos e participativos. A oportunidade então surgiu quando fomos convidadas para lecionar em uma turma de 1ª série em 1983, com crianças entre seis e sete anos na Escola Municipal Antonio Oliveira.

Um pouco receosas, mais muito determinada a fazer um bom trabalho, no início não senti dificuldades uma vez que recebíamos tudo pronto, pois tudo era feito de forma mecânica e individualista conforme repassado pelos técnicos (Supervisores) , assim como tínhamos que seguir cegamente o livro didático.

Sentimos então a necessidade de mudar, pois, estávamos sufocadas com as ordens que nos eram repassadas arbitrariamente. Foi então, que resolvemos tornar nossas aulas objetivas e dinâmicas, e tendo como ponto de partida toda "bagagem" que o próprio aluno possuía, independentemente de atrasar ou não os conteúdos exigidos, de atribuir aleatoriamente notas aos nossos alunos, levando-os a aprender muito mais que apenas decodificar sinais diante dos problemas que vivenciamos: falta de material, evasão escolar, ausência de uma avaliação qualitativa e não apenas quantitativa, reprovação, agressividade, etc.

Passamos então a avaliar nossos alunos continuamente visando perceber o seu crescimento e desenvolvimento diante das atividades escolares, incentivando-os também a auto-avaliação, tendo a avaliação como instrumento diagnosticador, cuja verdadeira preocupação do professor seja realmente a aprendizagem do educando e não apenas com os erros cometidos por este, favorecendo o seu crescimento.

No decorrer do processo houve também uma grande mudança no que diz respeito ao planejamento, pois nós professores passamos a fazer nosso plano de aula a partir da realidade de nossos educandos, passamos a administrar nossas aulas de forma independente consciente. Isto nos levou à tomada de consciência de que o educador não pode ter um conhecimento limitado, mais que ele próprio é o mediador para uma verdadeira construção e organização do conhecimento e conseqüentemente de uma sociedade mais justa.

No total somam-se mais de trinta e um anos de prática em sala de aula e a cada dia podemos aprender mais com os nossos alunos e vemos que o professor é um facilitador da

aprendizagem e deve dar oportunidades para que nossos alunos se expressem e possa construir com eles um mundo melhor dentro e fora da escola.

Algum tempo depois ingressamos no Curso de Pedagogia, o que nos favoreceu subsídios para uma prática de qualidade favorecendo o sucesso do aluno, sabemos que apesar de termos essa consciência, está longe de mudarmos essa realidade, mas que não é impossível basta querer que apesar dos baixos salários, falta de material didático, da jornada de trabalho dupla dos professores, da falta de apoio, dos governantes e muitas vezes dos que compõem a direção da escola e até mesmo da comunidade. Não podemos ser coniventes com uma avaliação que tende cada vez mais distanciar nossas crianças da escola. Por isso a escolha dessa temática mostra raízes antigas desde que escolhemos essa profissão, por isso tentaremos através desse trabalho fornecer subsídios para inovar a prática avaliativa e consciente dos que atuam na educação.

Nossa experiência na docência desde 1983 mostra que a avaliação da aprendizagem em nossas escolas de dava em momentos únicos e isolados de aferição através de provas, selecionando e classificando os melhores alunos, essa prática era mantida por uma postura autoritária e punitiva da escola, pois excluía uma parte dos alunos, admitindo outra parte como "aceitos". A partir dessa prática discriminatória em relação à avaliação surgiu o nosso desejo de inovação e os questionamentos foram surgindo; Por que não trabalhar de forma mais democrática, fazendo com que os próprios alunos manifestassem seus anseios, suas dúvidas? Por que não definir critérios para a avaliação a partir de conteúdos mais significativos que permita ao professor acompanhar os vários níveis de desenvolvimento do aluno? Em que medida pode estar colaborando para a existência do problema? Como está o meu trabalho?

Após esses questionamentos passamos a refletir e tentar ver a avaliação de forma diferente envolvendo o desempenho do aluno, do professor e de todo contexto escolar não apenas aferindo o domínio do conteúdo, mas de verificarmos o desenvolvimento das capacidades dos nossos alunos.

Daí a idéia de desenvolver esse estudo no Município de Campina Grande (área de atuação profissional) com professores do 1º Ciclo do ensino fundamental, na busca de respostas para subsidiar a prática do professor em relação à avaliação o que vem a contribuir para a diminuição dos alarmantes índices de repetência e evasão escolar, índices esses que

estão muitas vezes ligados a modelos inadequados e fragmentados de avaliação. Não basta apenas discutir o tema da "Avaliação" em simpósios, seminários, palestras ou encontros, mas de levarmos nossos questionamentos para a escola de modo que possamos melhorar a nossa prática para que a mesma não se torne um instrumento de exclusão.

A avaliação é parte integrante do processo ensino-aprendizagem conseqüentemente para a reflexão da prática educativa e deve ser vista como um meio e não um fim.

Para que possamos superar esse modelo de avaliação classificatória e excludente presente em nossas escolas é necessária à tomada de consciência dos educadores para que entendam que a avaliação não pode ser concebida como etapa isolada, a fim de alcançarmos o verdadeiro sentido da avaliação.

Desenvolver a avaliação de modo classificatória, punitiva e autoritária é supor ingenuamente que podemos realizar esta atividade de forma totalmente neutra, como se não estivessem implícitos a concepção de Homem que se quer formar e o modelo de sociedade que se quer contribuir em qualquer prática educativa, sem levar em conta o momento da vida do aluno e a fase de profundas mudanças. Para analisar delineamos como objetivos:

Analisar o processo de avaliação que vem sendo desenvolvido nos segundos anos do ensino fundamental nas escolas municipais de Campina Grande, verificar o domínio e a compreensão dos professores sobre a prática da avaliação; observar a prática avaliativa desenvolvida pelos professores e identificar os instrumentos mais comuns utilizados pelos professores.

Para a efetivação do presente trabalho, no primeiro momento foi realizada conversa informal com alguns professores para que pudéssemos descobrir seus anseios e suas dificuldades em relação à avaliação. Analisaremos as diretrizes que embasam seu trabalho junto a seus alunos, objetivando, porém que formulem uma concepção sobre "Avaliação" através de entrevistas, questionários, ou seja, qualitativa / quantitativa, com base na análise de entrevistas (ver anexo), tendo por objetivo a verificação das práticas avaliativas na escola pública.

O nosso trabalho mostra que o professor deve buscar o verdadeiro sentido do processo ensino-aprendizagem propiciando ao aluno uma superação da prática avaliativa classificatória

de modo que o professor passe a aperfeiçoar sua prática pedagógica, possibilitando e conduzindo-os ao aprimoramento do exercício consciente dentro do processo avaliativo.

Nosso campo de estudo foi a Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, que atende da educação infantil ao ensino fundamental em suas duas etapas, é composta por 120 escolas e 25 creches. Desse número, 89 escolas estão situadas na zona urbana e 31 na zona rural, enquanto que 23 creches na zona urbana e 02 na zona rural. O município atende 23856 alunos, 7246 na Educação Infantil, 13694 no Ensino Fundamental e 2916 na Educação de Jovens e Adultos e conta com 1952 educadores que desenvolvem suas atividades em sistema de ciclo.

A população objeto do nosso estudo foi constituída de cinco professores do 1º Ciclo do ensino fundamental de três escolas da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, Paraíba. Para a coleta de dados aplicou-se um questionário com questões abertas (ver anexo) onde se analisa as características do processo de avaliação, os seus objetivos, os instrumentos utilizados e análise dos seus resultados, conversas informais, observações feitas na sala de aula com o acompanhamento das atividades propostas.

Portanto, escolhemos realizar nossa pesquisa em torno da avaliação no Primeiro Ciclo do ensino fundamental, fase em que a criança se depara com um mundo novo. Analisamos como ocorre a prática de avaliação que ocasiona por várias vezes um elevado índice de evasão escolar no município da Rede Municipal de Campina Grande.

As Escolas Municipais funcionam com, alunos, professores, gestores, corpo técnicos por núcleos (assistentes sociais, orientadores, supervisores, psicólogos), pessoal de manutenção e pessoal técnico-administrativo.

As escolas são mantidas pelo governo municipal, bem como os recursos providos do Governo Federal com os programas: PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), PME (Programa Mais Educação) e verbas destinada a merenda escolar o qual as escolas tem Conselhos Escolares e compram os alimentos.

A SEDUC (Secretaria de Educação) tem por missão amenizar a situação crítica de deficiência do processo ensino-aprendizagem da clientela do município de Campina Grande

tendo por causa a distorção idade-série, repetência, e a evasão escolar, garantindo a formação da cidadania para o exercício da vida profissional. Os objetivos educacionais. Os objetivos educacionais são os seguintes: melhorar o desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem, inovarem a gestão participativa de processos e fortalecer a integração escola-comunidade.

A avaliação é baseada no processo contínuo, levando em consideração os seguintes critérios: assiduidade, participação, observação e registros.

A Secretaria de Educação trabalha em parceria com os educadores do 1º Ciclo do ensino fundamental oferecendo-lhes capacitações, PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), para alfabetizar os alunos dentro da faixa etária certa de acordo com a LDB(Lei de Diretrizes e Base) .

Numa visão geral o trabalho das escolas é desenvolvido a partir da troca de experiências entre os professores tentam inovar sua prática instigando os alunos em busca de novos conhecimentos.

Nosso estudo está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo, documentamos a fundamentação teórica, cujos textos apoiaram-se nos seguintes autores: Paulo Freire, Claudino Piletti, Libânio, Tyler e Vasconcellos. Nesta, ressaltamos a avaliação e sua relação com o processo ensino-aprendizagem, apresentamos as diferentes concepções de diversos autores acerca da avaliação, a avaliação no cenário atual e avaliação da aprendizagem: Novos Enfoques. estabelecendo um paralelo entre a prática avaliativa e sua necessidade ao desenvolvimento dos educandos, que muitas vezes é esquecido o que leva a partir do primeiro ciclo a retenção do aluno ficando a aprendizagem para segundo plano. No segundo capítulo apresentamos, os Resultados e as Discussões dos dados. Concluimos explicitando as nossas Considerações Finais, em seguida as referências Bibliográficas e Apêndice.

1 AVALIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

" A finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de conhecimentos que aumenta a consciência e capacidade de iniciativa transformadora dos grupos".

Paulo Freire

1.1 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

" AVALIAÇÃO É MOVIMENTO, AÇÃO E RELEXÃO".

Jussara Hoffmann

Há necessidades de uma grande transformação na concepção de Avaliação por parte de muitos educadores que a fazem num velho modelo inserida em décadas passadas, ou seja, a ausência de um compromisso maior com a aprendizagem do educando para melhorar a aprendizagem ajudando o aluno a superar as dificuldades. A situação atual é que muitos colegas e muitas escolas não estão abertos a mudanças porque é mais cômodo ter classes com dezenas de crianças sentadas durante quatro horas, fazendo todas, as mesmas coisas sem que haja a quebra de rotinas sem o rompimento de concepções e tradições, assim como uma máquina que não muda o seu sistema de produção, o professor deve saber ler o que se passa com o educando para que se possam fazer as mudanças necessárias para o aprendizado.

Constantemente devemos avaliar nossos educandos, a partir do primeiro dia de aula, portanto devemos absorver a maior quantidade possível de informações necessárias que são indispensáveis para que possamos planejar nosso trabalho em sala de aula. Para Claudino Pilett (2002,p.190)

"A avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, afim que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo".

Partindo dessa definição podemos perceber que é imprescindível que o professor avalie seu aluno constantemente de forma não apenas a trabalhar o conhecimento da matéria, mas em conjunto seus ideais, interesses, hábitos de trabalho, modos de pensar e agir, etc. Para que possamos concretizar nossos objetivos é necessário utilizarmos várias técnicas com nossos alunos, observação de comportamento, entrevistas com pessoas que conheçam o aluno (antigos professores e/ou familiares), pessoas de fichas informativas e outros.

Para que possamos obter resultados satisfatórios em torno da avaliação é fundamental que o professor estabeleça alguns critérios básicos como: determinar o que vai ser avaliado, estabelecer os critérios e as condições de avaliação, realizar a aferição dos resultados alcançados. É fácil detectar os problemas que surgem no cotidiano escolar se a atividade didática estiver interligada a uma avaliação sistemática e contínua. Como diz Libâneo (1994, P.201) “Um aspecto particularmente relevante é a clareza dos objetivos, pois os alunos precisam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados.” No entanto para que possamos acompanhar passo a passo o processo de ensino e a aprendizagem dos nossos alunos, temos também que ter consciência que a avaliação é uma tarefa complexa e necessária ao trabalho docente para que juntos aluno e professor possam alcançar os objetivos propostos, analisando os progressos e as dificuldades, adaptando as correções necessárias ao seu trabalho através de dados (qualitativos e quantitativos) coletados acerca do rendimento escolar, pois a tomada de consciência progressiva sobre a prática da avaliação é essencial para a promoção do desenvolvimento do aluno. Libâneo (1994, P.106) define que:

[...] A avaliação escolar como um comportamento do processo de ensino que visa, através verificação à qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos, e daí, orientar a tomada de decisões em relação as atividades didáticas seguintes.

Deste modo, a avaliação cumpre funções pedagógicas-didáticas , de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Analisar e repensar o significado da prática avaliativa da educação infantil ao Ensino Superior se faz necessário para que com essa reflexão possamos alcançar uma aprendizagem qualitativa para que a mesma deixe de ser uma prática improvisada e arbitrária.

Durante o processo muitas vezes os modelos e as metodologias desenvolvidas na sala de aula, estão ligados a concepção de avaliação do próprio educador, ou seja, reflexo de sua história de vida como aluno e professor o que acaba reproduzindo mesmo que inconscientemente aquilo que contestamos em nossos discursos, mas que acaba na prática o que vivenciamos são posturas pedagógicas tradicionais e professores cumprindo determinações burocráticas da prática avaliativa tradicional (Provas, registros, notas ou conceitos...) sem questionar diretamente a sua necessidade para a formação de alunos críticos, criativos, participativo e sobre tudo que tenha autonomia intelectual para tomar suas próprias decisões. Em muitas escolas recebemos ainda que a ação de educar e de avaliar ainda se desenvolve como dois momentos são isolados e não relacionados, onde a transmissão e informação de conteúdos inquestionáveis favorecem a contradição entre a prática e o discurso dos professores, pois suas ações estão limitadas apenas à transmissão e correção de conteúdos. Concordo com Celso dos Santos Vasconcellos (1992, p.59) em seu ponto de vista em relação à educação quando o mesmo ressalta que: “No seu verdadeiro sentido, a avaliação sempre faz parte do processo de ensino-aprendizagem, pois o professor não pode propiciar a aprendizagem a menos que esteja constantemente avaliando as condições de interação com seus educandos.”

Nessa visão, a avaliação requer do educador uma constante integração com seus educando de tal forma que propicie um ensino eficaz a partir de uma prática avaliativa consciente centrada na transformação social.

Não existe uma fórmula mágica para avaliação, mas a mesma deve ser uma avaliação construtiva e, sobretudo libertadora para que o processo educacional possa se desenvolver em momentos interligados ao processo de construção de conhecimento com uma perspectiva mediadora para possibilitar ao aluno oportunidades de refletir e aprender, embora outros autores relacionem à avaliação a mudanças comportamentais: “[...] a avaliação é o processo destinado a verificar o grau que eu mudanças comportamentais estão ocorrendo [...] A avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.” (TYLER, 1949, P.106). O enfoque avaliativo de Tyler está relacionado à mudança de comportamento do processo para verificação das

mudanças ocorridas com objetivos definidos pelo professor e que muitas vezes são provocados por ações externas a instituição escolar.

Ao falarmos em avaliação automaticamente relacionamos ao aluno, porém, vários fatores podem e devem ser considerados: o material instrucional, os indivíduos e as normas administrativas, etc. O aluno é visto ainda por muitos como o único “culpado” porém esquecem-se que a aprendizagem também está ligada a organização do processo, a forma de expressar, dos recursos utilizados, as desigualdades de condições, etc.

1.2 AVALIAÇÃO NO CENÁRIO ATUAL

As últimas décadas no nosso país foram marcadas pela luta de associações de professores e sindicatos, que buscam resgatar a identidade e a valorização profissional do professor, como agente das mudanças que necessitamos, objetivando fortalecer e elevar a qualidade educacional em nossas escolas públicas, uma vez que temos o conhecimento dos alarmantes índices que chamam a atenção para essa conscientização.

Devemos combater as desigualdades sócias e construir uma sociedade justa, democrática e solidaria e para isso se faz necessário a superação dos atuais padrões de exclusão das oportunidades educacionais que nós professores muitas vezes promovemos em nossas salas de aula garantindo a inclusão dos nossos educando no mundo letrado.

Desta forma, devemos valorizar a avaliação e para que isto ocorra, é necessário cultivarmos em nossas escolas um ambiente inovador, com questionamentos reconstrutivos para buscar resultados eficazes, pois a avaliação deve ser realizada desenvolvendo técnicas diferentes sem deixar de lado a realidade existente que muitas vezes impede que isso ocorra, tais como: classes superlotadas, diversas turmas para um único professor, pouco tempo de convívio com o aluno, rigidez do horário e programas.

O Educador precisa de mais liberdade para atender as necessidades dos seus educandos, liberdade essa que não deve fugir de seu objetivo real, que possa resgatar a avaliação significativa. É necessário oportunizar momentos para estudos e debates que não pode se concretizar pela falta de espaço físico adequado na escola, de tempo para reuniões de estudo, da resistência a mudanças de muitos professores e até mesmo de uma equipe

administrativa que promova e valorize esses momentos, o que acaba fazendo com que vários professores acabe culpado as deficiências do aluno aos colegas dos anos anteriores e esquecem-se que os educandos tem necessidades diferenciadas, assim descritas por Melchior: “O Professor precisa estar preparado para atender as necessidades de cada aluno, nos seus diferentes tempos e etapas de desenvolvimento. A ele não basta pensar na turma, é necessário pensar na individualidade de cada um”. (2003, p.35) Sendo assim, para possibilitarmos aos educandos um aprendizado consciente, devemos levar em consideração a lei de Diretrizes e Bases que ressalta em seu art. 24, a) o seguinte: “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”. Observamos, porém que essa forma de avaliar necessita de uma transformação social, não apenas por parte dos técnicos e docentes das escolas, mas, sobretudo de uma mobilização política que reflita sobre os fins e objetivos da educação, considerando a realidade nacional e não a realidade dos outros países, exportando fórmulas mágicas” através de programas e técnicas inovadoras que não se adéquem as nossas peculiaridades.

Antes de tudo, tais mudanças, só serão alcançadas se tivermos condições de colocá-las em prática e para isso, necessitamos do apoio dos gestores, que por sua vez deverão oportunizar e sobretudo questionar tais processos de inovação e ter consciência que os resultados virão gradualmente e continuamente não radicalmente. Segundo Hoffmann, J. (2001, p.213):

Sem dúvida, um sério compromisso irá mobilizar a escola brasileira deste século: formar e qualificar profissionais conscientes de sua responsabilidade ética frente à inclusão. Não é suficiente oferecer-se escola para todos, é essencial que o “todos” não perca a dimensão da individualidade, e que, uma vez na escola, esta ofereça a cada criança e jovem a oportunidade máxima possível de alcançar sua cidadania plena pelo respeito e pela aprendizagem.

Conseqüentemente um dos graves problemas que envolvem a avaliação escolar é que todos estão centrados apenas no aluno esquecendo-se de todo o resto do contexto escolar (direção, professor, livro didático, família, currículo, etc.) que estão interligados com esse processo educacional, e, sobretudo social a fim de que possamos superar os problemas.

No nível de sistema educacional a avaliação deve passar por uma reforma de uma Política Educacional séria que deverá estar comprometida com os interesses das classes populares e que nos leve à alteração progressiva das condições objetivas de trabalho e só podem mudar essa realidade se lutarmos contra a fragmentação contra relações autoritárias no trabalho, contra o comodismo e o medo do povo.

Com frequência ouvimos falar em reforma na educação e o que vemos é o aumento da rotatividade de professores e diretores de escolas superlotadas, classes numerosas, má aplicação dos recursos destinados à Educação, formação de professores superficial de modo apenas a adquirirem um diploma ou certificado, remuneração incondigna para os profissionais da educação. Só apenas lutando contra essas desigualdades é que estaremos caminhando rumo à efetivação democrática na escola.

A população ainda tem uma concepção de avaliação fragmentada fruto da cultura escolar elitista herdada no tempo do Império que reflete nos dias atuais reforçada pela ausência da visão estratégica por parte do Governo que não exerce seu papel fiscalizador cujo objetivo principal seja a melhoria da ação educativa através dos princípios da democracia, de cidadania e da ética. Assim define Saul (1988 p.48) “ A avaliação da aprendizagem, definida como uma das dimensões do papel do professor, transformou-se numa verdadeira ‘arma’, em um instrumento de controle que tudo pode.” Neste contexto, o que evidenciamos é que muitos professores para alcançarem seus objetivos, ainda “controlam” seus alunos a partir dos resultados da avaliação.

O que constatamos é a estrutura precária da formação do educador, pois ninguém ensina o que não aprendeu é o caso dos professores polivalentes que se mostram com dificuldade em uma disciplina a qual não é reforçada na Universidade, pois não existem estudos dos conteúdos a serem ensinados, se aprende História, Psicologia, Planejamento Educacional, etc... Porém nossas crianças precisam aprender os níveis mais elevados da Matemática, Língua Portuguesa e outras disciplinas que mostram grande índice de reprovação em nossas escolas. São interessantes as colocações de Florestan Fernandes quando diz: “O professor não vem cumprindo o seu papel de transformador porque não possui a formação necessária para entender, cabalmente, o que lhe compete fazer.” (1986, p.28) O Professor deve estar preparado para dar respostas diferentes dependendo da realidade da qual a criança está inserida, das suas condições socioeconômicas e de suas necessidades de modo a fazer a transposição dos conhecimentos universais os quais deverão ser ensinados em sala de aula.

A qualidade, ou seja, a escola de qualidade ainda é confundida com um ensino de elite, pois muitas pessoas dão preferência às escolas particulares mesmo as que não têm condições de manter seu filho se sacrificam para mantê-los em escolas particulares em busca de um ensino de qualidade pois a sociedade ainda tem a concepção que o processo de adquirir informação é bem mais importante do que o de construir sentidos, e cada vez mais a própria sociedade reforça que a escola pública foi desenhada para quem já sabe, e não para quem não sabe e precisa dela aprender.

Assim se expressou a consultora Jussara Hoffmann: “Diria, em síntese, que os professores não são “culpados” pelos resultados obtidos pelos alunos, mas são, sim, responsáveis. Serão, entretanto, culpados se não forem comprometidos no sentido de buscarem o seu aperfeiçoamento e se não se preservarem a sensibilidade ao lidar com a complexidade do processo.”. (1998, p.17).

Observamos, no entanto a ênfase que a consultora dá para que o professor passe a ter um investigando no do processo ensino-aprendizagem elevando o aluno ao conhecimento.

1.3 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM: NOVOS ENFOQUES

As nossas escolas estão distantes de uma avaliação que abranja aspectos voltados para uma aprendizagem eficaz e que promova realmente mudanças efetivas e comportamentos para que possamos construir uma cidadania solidária, responsável e comprometida com a população.

A avaliação dispensada em sala de aula pelos professores em sua maioria apesar do discurso contrário caracteriza-se pela rotina, pelas repetições e inúmeras indagações que dificultam o aprendizado construtivo.

Atualmente fala-se em democratização do ensino, do acesso e da permanência dos alunos, mas algumas perguntas devem ser o ponto de partida em nossos discursos: o que nossos alunos estão aprendendo? Quais os fatores que tem garantido a permanência dessas crianças na escola? O que podemos fazer para melhorar seu aprendizado? Que uso nossos

alunos estão fazendo dos saberes adquiridos na escola? O governo em seu discurso mostra-se preocupado com a educação, é o que podemos constatar através de suas belas propagandas, de inúmeros programas que a cada ano muda de nome, com seus cursos de capacitação inovadores exportados de outros países, etc. Antes de tudo deveriam se preocupar com a mecanização dos conteúdos, com o trabalho docente muitas vezes rígido e solitário por falta de espaço físico, de material ou de técnicos para darem o suporte necessário ao trabalho do professor, como também os baixos salários que recebem nossos professores.

Podemos afirmar que a educação é um processo amplo e abrangente conforme ressalta a Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394 em seu artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” Devemos lutar por mais autonomia em nossas escolas, pois fazemos parte de uma realidade desigual e contraditória, o direito a educação não pode se restringir apenas ao acesso à escola, mas o atendimento integral abrangendo todos os aspectos: físico, psicológico, intelectual e social dos nossos educandos.

Os conflitos acerca da prática da avaliação escolar diante das exigências burocráticas nas escolas se acentuam uma vez que não existe espaço de reflexão e pelo silêncio de muitos educadores que improvisam práticas pedagógicas inovadoras e currículos avançados, mudanças essas que mostram-se pouco sensível, pois é necessário inovar, mas de forma que possamos possibilitar ao educando que o mesmo participe ativamente do processo educativo sobretudo como cidadão. Levar os educandos a superação do medo acerca da prática da avaliação escolar é considerar que a avaliação deve ocorrer de forma contínua e processual, ou seja, ao longo de todo processo e não avaliar apenas em função de resultados, notas e conceitos chegando ao resultado do produto final que muitas vezes se define pelos termos aprovado ou reprovado.

Numa visão ampla, observamos que a prática avaliativa se distancia de uma educação democrática e inclusiva, pois muitos professores se voltam apenas para a transmissão de conhecimentos considerando o aluno apenas como receptor passivo desses conhecimentos ultrapassados, pois muitos são avaliados da mesma forma que foram seus pais e até mesmo seus avós.

O professor deve atuar como mediador, utilizando o conhecimento inicial do aluno para depois introduzir conhecimentos mais sistematizados levando o aluno a um mundo de novas descobertas, pois os erros e equívocos dos alunos devem ser trabalhados de modo a levá-los a um nível de reorganização de resultados apurados. O processo cognitivo do aluno deve ser levado a um nível mais elevado do que unicamente as notas, através de instrumentos e estratégias que devem ser utilizadas não apenas para selecionar ou classificá-los, mas de modo que forneça ao professor subsídios para que o mesmo passe a refletir acerca do seu próprio ensino, conforme Vasconcellos: “O que está em jogo é, sobretudo uma mudança de prática que venha acompanhada de uma mudança de concepção, em que o professor tenha uma autêntica práxis e não uma prática diferente, contudo marcada por um caráter superficial, mimético.” (1998 p.26)

Acreditamos, portanto, que o processo de avaliação não implica somente em avaliar o educando, mas sim todo o processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo o seu progresso e suas dificuldades, através do apoio e estímulo dado pelo professor.

Constantemente nos indagamos de como fazer a avaliação em um ensino fundamentado na construção do conhecimento, pois o aluno deve ser avaliado a partir da ação pedagógica e interativa do professor, ou então a mesma continua sendo um processo resultante apenas de notas ou conceitos, com critérios viciados em termos como “certo e errado”.

Verificar o nível de aprendizagem dos alunos é de suma importância para o professor, portanto a avaliação apresenta três funções: diagnosticar, controlar e classificar, que estão relacionadas a três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação diagnóstica é aquela que o professor realiza no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com o objetivo de constatar se seus alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, ou seja, se possuem conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens, o que possibilita ao professor caracterizar e identificar eventuais problemas de aprendizagens.

A avaliação formativa com função de controle é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os seus alunos estão atingidos os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. Podemos destacar segundo Clódia Turra (p. 185-186) que a avaliação formativa visa,

fundamentalmente: “Determinar se o aluno domina gradativa e hierarquicamente cada etapa da instrução, porque antes de prosseguir para uma etapa subsequente de ensino-aprendizagem os objetivos em questão, de uma ou de outra forma deve ter seu alcance assegurado.”

É através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático.

A avaliação somática, com função classificatória realiza-se ao final de um curso, de período letivo ou unidade de ensino e consiste em classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecido, geralmente tendo em vista sua promoção.

Essas três formas de avaliação estão intimamente vinculadas para garantir a eficiência do sistema de avaliação e eficácia no processo ensino-aprendizagem o professor deve fazer uso conjugado dessas três modalidades.

A avaliação deve adquirir um caráter inovador, pois à medida que a avaliação vai traçando os perfis dos alunos, novos objetos de conhecimentos podem ser apresentados pelo professor. O trabalho de sistematização deve ser também contínuo, já que um conhecimento é pré-requisito na construção do novo, não esquecendo que nossos alunos devem ser avaliados não só pelos resultados dos objetivos propostos, mas também, as hipóteses que constroem e as reflexões que fazem sobre elas, para que a avaliação não seja mais limitada apenas ao caráter numérico de notas.

2. A PRÁTICA AVALIATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR

“As pessoas dever ter a técnica e a função de avaliar, mas nem sempre tem o poder de interpretar os significados que tem essa ação para cada um dos avaliandos nem o poder de serem os únicos a avaliar grupos.”

Maria Celina Melchior

2.1 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Enfocando a avaliação nos 1º Ciclo do ensino fundamental Rede Municipalk de Ensino, faremos agora um paralelo entre as respostas dadas no questionário e a perspectiva teórica vigente, para compreender como essa prática vem sendo entendida diante da gradativa mudança conceitual.

Vejamos as definições de avaliação apresentadas pelos professores pesquisados:

“Avaliação é buscar caminhos para melhoria da aprendizagem. Não a considero como pressuposto à punição ou premiação, competição ou exclusão, mas como um meio de conhecer o que eles sabem para aprimorar o que ainda não sabe”. (Gestora)

“É um processo pelo qual o professor e o aluno podem verificar até que pontos avançaram ou não para que possam prosseguir ou retornar os conteúdos”. (Professora A- 1º Ciclo Intermediário)

Percebemos nestes depoimentos que a avaliação caracteriza-se como elemento que favorece o processo de ensino e aprendizagem. É notória também, a visão construtiva do erro na fala da gestora e a ênfase que ambas dão ao conhecimento, elevando-o a categoria de produção. A teoria construtiva introduz a perspectiva da imagem positiva do erro cometido pelo aluno como o mais fecundo e produtivo do que um acerto imediato. (Hoffmann 1993, p.76) “O Erro cometido pelo aluno pode ser acarretado por inúmeras situações: distração, dificuldades de compreensão, fatores biológicos, etc. Cabe ao professor estimular o aluno a partir do erro para que o próprio aluno supere sua dificuldade.”.

Para Luckesi (1998, p. 57) “Os erros da aprendizagem que emergem a partir de um padrão de conduta cognitiva ou prática já estabelecida pela ciência ou pela tecnologia, servem positivamente de pontos de partida para o avanço.” Por exemplo, se ao aplicar uma atividade, a um aluno e for observado que o resultado esperado não foi atingido, deve-se neste momento reorientá-lo na tentativa do seu entendimento. E, então, se o aluno mostrar que o compreendeu e for capaz de refazer, considera-se que o erro foi conscientemente elaborado, possibilitando a oportunidade de revisão e avanço.

Vejamos as seguintes professoras:

“A avaliação é uma das maneiras que aborda com mais ênfase o desenvolvimento dos conteúdos aplicados, criando situações para um bom desempenho na aprendizagem”.
(Professora C.)

“É diversificada, isto é, desenvolvida de várias maneiras usando diferentes instrumentos. E deve ser também contínua, ou seja, ocorrer em vários momentos, teoricamente em todos eles.” (Professora D.)

Notamos que ambas referem-se a avaliação de forma ampla e consciente, elevando a avaliação a um processo contínuo e não apenas sistematizado e isolado.

Nesta perspectiva a avaliação da aprendizagem deve ter a definição clara dos objetivos a serem alcançados para que o professor obtenha dos seus alunos o maior número possível de informações, utilizando os mais diversos instrumentos de avaliação, de técnicas e estratégias (relatórios, questionários, entrevistas, exercícios de auto-avaliação, dentre outros). A valorização da prática de avaliação em relação aos objetivos a serem alcançados deve levar em conta a individualidade dos alunos (ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais...)

Por fim, como planejar avaliar também deve ser uma forma de refletir e agir sobre a prática do professor e sobre seus alunos tomando decisões para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Avaliação “é coletar informações sobre uma ou mais coisas, comparar estas informações com critério pré-estabelecido para lhe atribuir um valor e classificar”.
(Professora B – 1º Ciclo Final).

Observa-se que a professora concebe a avaliação como sinônimo de classificação o que eleva o professor a ter uma prática escolar voltada somente para a reprovação e a consequente exclusão tomando o ensino avaliativo e alienante. Sendo assim, o professor precisa refletir sobre sua prática reconhecendo, portanto que não é possível continuar atribuindo a culpa do fracasso da aprendizagem apenas ao aluno. Para isso, é preciso ter firmeza necessária em seu trabalho e a convicção de que sua proposta atende as necessidades da turma, conforme ressalta Hoffmann (2001, p.19)

*É preciso um esforço coletivo para delinear as setas
Dops caminhos da avaliação educacional, na direção do seu
significado ético de contribuição a evolução da sociedade. A
compreensão dos novos rumos exigem a reflexão conjunta pelos
avaliadores e todos os envolvidos, porque lhes exige retomar
concepções de democracia, de cidadania, de direito a educação.*

No entanto, vale salientar que avaliar implica julgar com base em critérios pré-estabelecidos, que corresponda à expectativa de aprendizagem dos alunos em relação ao ensino. Este é mais um indício que a maioria dos professores não tem uma percepção clara com relação às questões básicas como: O que é avaliar? E porque avaliar?

Observa-se que as professoras ao expor os instrumentos de avaliação utilizados na sala de aula não explicitaram as expectativas de aprendizagem, mas enfatizam o que acreditam como sendo norma para julgamento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's – 2001, p. 87) estabelecem que os critérios de avaliação representam as aprendizagens imprescindíveis e possíveis à maioria dos alunos submetidos as condições de aprendizagens propostas.

*“Observações, entrevistas, trabalhos e a participação do aluno.” (Professora B-1º
Ciclo Final)*

“Leituras de notícias, utilização de textos variados, pesquisas e instruções de jogos”.
(Professora C-1º Ciclo Final)

*“As seções de cálculo mental, atividades orais, aulas de resoluções de problemas,
trabalhos de pesquisas”.* (Professora D – 1º Intermediário)

A partir da diversidade dos instrumentos citados podemos nota que a avaliação expressa seu vasto envolvimento, fornecendo ao professor vários meios para promoção da aprendizagem e sucesso do educando.

Enfocaremos neste momento a recuperação, uma vez que, tudo colocado até aqui, busca também um novo encaminhamento para esta prática.

As professoras ao responder a questão referente à recuperação demonstram certa mudança na condução desta tarefa, superando a concepção tradicional de que recuperar é um meio utilizado para retomar conteúdos estudados que não foram aprendidos, como se fosse possível recuperar aquilo que não foi aprendido. Vejam as respostas dadas a respeito da recuperação:

“A recuperação é uma nova oportunidade de construir aprendizagem, a mesma deve ser desenvolvida de acordo com a trajetória do aluno, durante todo o ano, diversificando a metodologia aplicada, aumentando ou diminuindo a complexidade para atingir a aprendizagem. A avaliação e recuperação andam juntas”. (Gestora).

“A recuperação não deve ser vista como meio do aluno obter maior nota e sim que haja de fato aprendizagem dos conteúdos”. (Professora A – 1ª série).

“A recuperação é de fundamental importância, para que o professor possa detectar as deficiências dos seus alunos, como também do próprio professor”. (Professor B – 1º Ciclo Final.)

“A recuperação é uma forma de abordar o que o aluno adquiriu com os conteúdos aplicados, dando ênfase a expor o seu entendimento de modo produtivo”. (Professor C – 1º Ciclo Final.)

“A respeito da recuperação acho que ela mostra que houve alguma falha na execução do conteúdo. Daí devemos rever o planejamento para executá-lo novamente.” (Professora D – 1º Intermediário.)

Na visão de Hoffmann (2001, p.32) “O termo recuperação vem sendo tradicionalmente concebido como repetição, retrocesso, retorno, voltar atrás”. Portanto, para Hoffmann a recuperação deve acontecer a partir de estudos paralelos, os quais tem a intenção de promover a evolução do aluno dia-a-dia. A Lei de Diretrizes e Bases para a educação, sancionada em dezembro de 1996, estabelece, na seção V, referente á educação básica, artigo 24 que há; obrigatoriedade de estudo de recuperação, de preferência paralelos ao período

letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

A avaliação nesta perspectiva resultara num trabalho pedagógico, que presa pela construção de conhecimento a partir de diferentes situações pedagógicas, vividas dentro ou fora da escola, apesar de todos os conflitos que a envolve.

É fundamental que o professor conceba a avaliação não só para diagnosticar as dificuldades e facilidades do educando, mas essencialmente para compreender o processo de aprendizagem que ele está percorrendo, possibilitando dessa forma que o educando reconheça suas próprias necessidades acerca dos objetivos e critérios estabelecidos para ao alcance da aprendizagem. De acordo com os PCN's (P.95):

Para avaliar segundo critérios estabelecidos é necessário considerar indicadores bastantes preciso que sirvam para identificar de fato as aprendizagens realizadas. No entanto, é importante não perder de vista que um progresso relacionado a um critério específico pode manifestar-se de diferentes formas, em diferentes alunos. E uma mesma ação pode, para um aluno, indicar avanço em relação a um critério estabelecido, e , para outro, não. Por isso, além de necessitarem de indicadores precisos, os critérios de avaliação devem ser tomados em conjunto considerando a forma contextual e muito mais do que isso analisados à luz dos objetivos que realmente orientam o ensino oferecido aos alunos.

Portanto, a avaliação deve englobar vários fatores, contexto escolar, os materiais utilizados, as regras estabelecidas coletiva e individualmente, o relacionamento dos alunos entre si e com o professor. Desta forma o professor estará analisando diversos elementos que interage na prática educacional tanto nos aspectos parciais como nos mais globais introduzindo os ajustes necessários possibilitando o redirecionamento da avaliação como instrumento indispensável de construção social.

Diferentes opiniões foram apresentadas a questão que aborda de a forma de avaliação praticada por um professor tem relação direta com sua formação educacional, vejamos o que registraram:

“Sim, porque vivemos num mundo tecnológico onde as mudanças acontecem inesperadamente, sendo necessário nos inovar, para não cometermos injustiças, pois os métodos e critérios de avaliar também mudam”. (Gestora)

“Sim, porque o professor tem que ter consciência de até que ponto se faz necessário avaliar o aluno com exercícios (prova), ou utilizar outros métodos e isso requer atualizar-se sempre em estudos e discussão com outros educadores”. (Professor A – 1º Ciclo Intermediário.)

“Claro, o professor deve ter uma boa formação profissional, para que ele possa elaborar uma boa avaliação e que a mesma avalie seus alunos em todos os aspectos da aprendizagem”. (Professora B – 1º Ciclo Final)

“Sim, porque a avaliação requer uma metodologia na qual é preciso abordar seus objetivos que deverão estar inseridos em seu cotidiano, fazendo com que reflita nas suas elaborações e planejamento de trabalho.” (Professora C – 1º Ciclo Final)

“Sim, o profissional precisa aprender a todo instante para se manter atualizado em relação às transformações ocorridas em sua área de atuação. Pois o mundo muda e o ensino também, com isso a maneira de avaliar está inserida”. (Professor D – 1º Ciclo Intermediário.)

De forma geral todos os entrevistados responderam que a forma de avaliação praticada pelo professor tem relação direta com a sua formação profissional sendo de suma importância que os mesmos se mantenham atualizados em relação às transformações ocorridas em sua área, pois o mundo está em constante mudança e o ensino também, e com isso a maneira de avaliar se incluir nesse processo de mudança que deve se adaptar as necessidades atuais do educando.

Ao serem questionados sobre o que fazer quando constatamos que os resultados obtidos na avaliação não foram os resultados esperados, assim registram os professores:

“Primeiramente, fazer uma auto-avaliação de nossa prática pedagógica e tentar detectar onde está a falha, imediatamente ao descobrir, devemos replanear através de novos métodos, visando alcançar os objetivos desejados”. (Gestora)

“Retornar os conteúdos de maneira diferente, inovando na metodologia”. (Professor A- 1º Ciclo Intermediário.)

“Não sendo satisfatório os resultados, os professores deverão oferecer ações pedagógicas que der aos alunos oportunidades de sanar sua deficiência na aprendizagem”. (Professor B- 1º Ciclo Final).

“De acordo com as dificuldades surgidas, devem ser expostas outras metodologias, nas quais possa adquirir maiores resultados”. (Professor C – 1º Ciclo Final)

“Devemos reformular nosso plano de ensino para atender aos objetivos estabelecidos”. (Professor D – 1º Ciclo Intmediário)

Podemos afirmar que essas definições retratam a complexidade da ação avaliativa, pois implicitamente percebe-se a diversidade de posturas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's – 2001, p. 81) ao referi-se à função da avaliação, coloca que a mesma deve ser “[...] compreendida como um conjunto de atuações que alimenta, sustenta e orienta a intervenção pedagógica”.

Evidenciamos, portanto, que as mesmas afirmaram que devemos fazer uma auto-avaliação da nossa prática pedagógica e tentar detectar onde está a falha, imediatamente ao descobrir, devemos replanejar através de novos métodos visando alcançar os objetivos desejados.

Sendo assim, as mesmas reconhecem que devemos avaliar nossa prática pedagógica, na busca de alternativas para que os educandos possam alcançar a aprendizagem, através da utilização de diversos mecanismos.

Em relação à forma como se comporta aos alunos, em sala de aula no dia de avaliação 90% dos entrevistados consideram que a maioria dos alunos deixa transparecer sintomas claros de ansiedade, inquietação e nervosismo, já 10% consideram que atualmente seus alunos se comportam de maneira satisfatória e não apresentam tais sintomas e atribuem esse comportamento à maneira inovadora de avaliar e a concepção que tem, pois veem a avaliação como um fim e não como um meio de classificar os educandos.

Investigados acerca dos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores em sala de aula, os mesmos apontaram os seguintes instrumentos: observações, pesquisas, entrevistas, registros de fatos, exercícios avaliativos e jogos. Apenas 20% assumiram que utilizam provas escritas, mas que apesar de não citarem em seu questionário analisamos na íntegra através alunos, muitos professores por insegurança e até para seguir as normas impostas pelo sistema tem o seu discurso distante da prática, pois a avaliação diagnostica está presente em sua fala, mas na prática se enquadram na classificatória.

Entre as maiores dificuldades apontadas pelas professoras para avaliar os alunos, encontramos uma variedade de opiniões que mostraremos a seguir:

“Avaliar os diferentes níveis de aprendizagem que se encontram os alunos; estabelecer um padrão de avaliação que envolva os diferentes níveis dos alunos e ao mesmo tempo ter que cumprir os conteúdos programáticos; determinar a pontuação que valerá cada quesito e ser injusta com os alunos que por algum motivo não domina determinado conteúdo”. (Professora A – 1º Ciclo Intermediário)

No momento da avaliação por inúmeras causas a professora demonstra insegurança em relação à retomada do processo avaliativo para atingir o resultado constatado em outro momento na sala de aula.

A professora A considera que tem dificuldade em estabelecer um modelo padrão de avaliação que atenda as diferenças individuais dos alunos, dando ênfase ao cumprimento dos conteúdos programáticos esquecendo-se que os mesmos são flexíveis e devem adequar-se as necessidades dos alunos.

Prosseguiremos com o relato das demais professoras:

“Atribuir uma nota ou conceito, o que acaba rotulando e classificando o aluno em sala de aula”. (Professora B – 1º Ciclo Final)

“No decorrer das atividades contínuas eles demonstram uma aprendizagem satisfatória”.a avaliação com notas rotula muito o aluno”. (Professor D – 1º Ciclo Intermediário)

Nesta perspectiva, as professoras entrevistadas enfatizam sua preocupação com a avaliação quantitativa, visto que a mesma tem a função de atribuir notas, fazendo com que haja o distanciamento de seu objetivo específico, Questionadas acerca das disciplinas, que os alunos apresentam baixo rendimento, 100% das professoras afirmaram que isto ocorre de forma acentuada na Língua Portuguesa e Matemática. Segundo as mesmas, isto acontece devido o baixo poder aquisitivo da família, desestrutura familiar, o meio social e em alguns casos a falta de motivação de professores anteriores, acarretando, no entanto, o baixo desempenho nas referidas disciplinas.

Observa-se a concepção clara de todas as professoras acerca da importância do currículo e de sua relação para que ocorra uma avaliação significativa.

Concluimos, portanto esta análise com os percentuais citados anteriormente que a avaliação vem proporcionando ao professor uma intensa reflexão sobre os conteúdos, procedimentos e abordagem teórica, desenvolvendo desta forma atitudes de responsabilidade e compromisso para com o indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que realizar estudo em avaliação não é uma tarefa fácil, uma vez que lidamos com diferentes concepções e ainda nos deparamos com formas tradicionais de avaliar.

A partir da pesquisa de campo e as análises dos questionários, entrevistas e observações podemos constatar que ainda estamos distantes de alcançarmos a realização de uma avaliação dos moldes tão desejados por nós educadores consciente do nosso papel na escola e na sociedade. Como destacamos em momentos anteriores, a avaliação jamais deverá ser trabalhada de forma única e isolada devendo-se adequar as necessidades do aluno. Partindo desse pressuposto devemos construir em nossas escolas uma avaliação realmente significativa dentro do processo ensino-aprendizagem refletindo sobre nossa prática, sobre os instrumentos e critérios utilizados a fim de que possamos chegar a um resultado final: o verdadeiro sentido da avaliação.

Nesta perspectiva a avaliação da aprendizagem deve ter a definição clara dos objetivos a serem alcançados para que o professor obtenha dos seus alunos o maior número possível de informações, utilizando os mais variados instrumentos de avaliação, de técnicas e estratégias.

A valorização da prática de avaliação deve levar em conta a individualidade dos educandos (ritmos, comportamento, experiências, trajetórias pessoais...)

Apesar das mudanças aparentemente pouco significativas acerca da avaliação notamos a partir da efetivação desse trabalho que vários professores estão buscando inovar sua prática diante das dificuldades encontradas na sala de aula o que requer dos líderes educacionais uma maior atenção para a avaliação para que juntos possamos mudar, ou pelo menos amenizar os graves indícios de reprovação e evasão, o que só contribui para a reprodução de seres passivos e acríticos.

Por fim, como planejar, avaliar também deve ser uma forma de refletir e agir sobre a prática do professor e sobre seus alunos tomando decisões para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem e que alcançaremos juntos a partir de uma postura docente consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, Pedro. **Avaliando sob o olhar propedêutico**. Campinas., S. P: Papyrus. 1996.
(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

FREIRE, Paulo. **Conscientização; teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Costez e Moraes, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: Sabores necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra.1996.

FERNANDES, Florestan. **A Formação Política e o Trabalho do Professor**. In: CATANE, Denise B. ET alii. Universidade, Escola de Formação de Professores. São Paulo: Ed Brasiliense, 1986.

GARCIA, Regina Leite. **Um currículo a favor dos alunos das classes populares**. Cadernos CEDES São Paulo, Cortez, (13), PP. 45-42, 1984.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover as setas do caminho**, Porto Alegre – R.S, Mediação, 2001.

_____. Avaliação. **Mito e Desafio uma perspectiva construtiva**, 17ª edição. Educação e Realidade. Porto Alegre – R.S, Educação e Realidade, 1995.

_____ **Avaliação Mediadora uma prática em construção da Pré-escola à**
Universidade. Porto Alegre: educação e Realidade, 1993.

LDB> Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996, art. 1º v e, 72 p. São Paulo.

LIBANEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública. A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos.** Edições Loyola. Novembro de 1984. São Paulo.

LUDKE, Menga & MEDIANO, Zélia. **Avaliação na Escola de 1º Grau: Uma análise sociológica.**

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação Diagnóstica\; Função e Necessidade.** Porto Alegre, 12994.

_____. **Da Avaliação dos Saberes à construção de competências.** Porto Alegre: Premier, 2003.

OLIVEIRA, Marta Khol de Vigotisky: **Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio - histórico.** São Paulo, Scipione,1993.

Parâmetros curriculares Nacionais. Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1997.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**, 23ª Ed. São Paulo:2002

SAULO, Ana Maria. Avaliação Emancipatória: **Desafios à teoria e a prática da avaliação e reformulação de currículo**. 2ª Ed. S.P; Cortez, 1994.

SOUZA, Clarilza Prado de, (ORG) – **Avaliação do rendimento escolar** – 3ª edição – Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

VASCONCELLOS, C.S. **Avaliação Concepção Dialética – Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. São Paulo, Cadernos Pedagógicos do Libertad, 1992.

_____ **Construção da disciplina consciente e interativa na sala de aula e na escola**. LIBERTAD, São paulo, 1994.

_____ **Superação da lógica classificatória excludente da avaliação**. São Paulo: Libertad, a998. 25p.

TURRA, C.M.G. e outros. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. Porto Alegre, Emma, 1982.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Caro(a) Professor(a)

Sendo a avaliação um instrumento transformador no processo de aprendizagem, o presente questionário tem como objetivo principal desenvolver um trabalho de pesquisa sobre avaliação no 1º Ciclo do ensino fundamental, portanto contamos com a sua colaboração.

Agradecemos a sua participação.

QUESTIONÁRIO SOBRE AVALIAÇÃO

1. Como você define avaliação?
2. Quais os instrumentos de avaliação que você utiliza?
3. O que fazer quando constatamos que os resultados obtidos não foram os esperados
4. A qualidade de avaliação praticada por um professor tem relação com a sua formação?
Por que?
5. Quando você vai fazer uma avaliação, como seus alunos se comportam?
6. Quais são as maiores dificuldades que você como professor encontra para avaliar seu aluno?
7. O que você define como sistema de ensino é classificatório, para reter ou promover o aluno?